

BIBLIOTECA-MEU da CÂMARA MUNICIPAL de OLHÃO -1.

O TRAJO ALGARVIO

O BICOLO OLHANENSE E AS CHALOCAS (OU CLOQUES),
(SUBSIDIOS PARA O TRAJO OLHANENSE)



Fig. 1

"AINDA HÁ POUCO TEMPO USAVAM CLOQUES E BICOLO. (...) E UM TRAJO MISTERIOSO E ATRAENTE, QUANDO SAEM, DE NEGRO, ENVOLTAS NOS BIOCOS, PARECEM FANTASMAS."

IN RAÚL BRANDÃO, OS PESCADORES,
PÁG.160, BIBLIOTECA ULISSEIA,
S.D. (a)

166

O *Bloco*, peça do vestuário feminino, é datado do séc. XVII, tendo sido criado por D. João IV em Agosto de 1649. Como data oficial da sua extinção, sabe-se que em 1892 e por ordem do então Governador Civil do Algarve, tal- " É proibido nas ruas e templos ... o uso dos chamados rebuços ou blocos, de que as mulheres se servem, escondendo o rosto " (1).

Entre rebuços e bloco existem certas diferenças. O que difere este, daquele, é que o primeiro era de capote voltado e o segundo era de xalle com capote por cima. O bloco seria assim mais leve, sendo utilizado no seu fabrico, por vezes um papelão que era colocado dentro das dobras do xalle, com o fim de o aguentar melhor. Pode-se dizer que o bloco, não é mais do que um chapéu, com o qual as mulheres cobriam o rosto.

Pode-se dizer que esta peça do traje algarvio feminino "revela falta de graça e de beleza, assim como de elegância " (2). O bloco é como uma farpela inquisitorial, usada apenas em Olhão por pessoas de classes baixas. Tem por cor o preto, encerrando em si algo relativo e contrário às forças da natureza algarvia, tal como o sol e céu algarvios. É como "uma parvalhada do Demónio, e uma obra admirável do Rei da Natureza-o Algarve" (3).

O bloco Olhanense era formado por um capote pesado e comprido que cobria a mulher da cabeça aos pés. (Fig. I).

Este capote era encimado por xalle preto, o qual a mulher colocava sobre a cabeça e o enrolava em forma pontiaguda, formando em frente do rosto um tubo cónico, terminado por um orifício. Era através desta abertura que a mulher, que do mundo se escondia nele lançava o seu olhar curioso.

Mas qual a finalidade prática do bloco no quotidiano da mulher Olhanense?

O bioco era usado pela mulher que desejando ir à igreja para assistir a algum casamento, sem que para tal fosse reconhecida, o fazia discretamente, para mais tarde ao recolher a casa, contar às suas vizinhas, e sentada à sua porta, o que lá assistiu.

O bioco também era usado pela beata para sair, sempre à vontade, de roda dos Santos e não ser reconhecida, assim como também escondia alguma pobre viúva, que com vergonha estendia a mão à caridade. (Fig. 2 e 3).

Quanto à outra peça do traje feminino algarvio, e neste caso Olhanense, as CHALOCAS ou CLOQUES (estando alguns expostos na Biblioteca-Municipal de Olhão), estas são constituídas, por uns sapatos de couro, com sola de pau, pregada ao na parte dianteira. Quando as pessoas iam a andar o som por elas produzido era semelhante com "cloque-cloque-cloque; na lama o som diferia e imitava claque-claque-claque"(4).

Na zona marítima estes sapatos de couro tinham o nome de CHALOCAS, no interior da província tomavam o nome de CLOQUES.

Também os havia com uma sola toda pregada, variada no meio para se poder dobrar o pé, sendo também conhecidos pelo nome atrás citado.

Como curiosidade posso salientar que os pregados usavam-se em casa, porque faziam menos ruído.

(a) -Raul Brandão esteve em Olhão em 1922 conforme refere o "Correio Olhanense" 17 de Agosto de 1922.

NOTAS EXPLICATIVAS E BIBLIOGRÁFICAS

- (1) - Tal designação foi dada pelo Governador Civil da Província do Algarve, Júlio Lourenço Pinto, no Regulamento Policial de Faro, art. 329. 349., de 6 de Setembro de 1892.
- (2) - Depoimento de José Guerreiro Murta, in "Etnografia Portuguesa" (ver bibliografia).
- (3) - Idem.
- (4) - Depoimento de Antónia de Sousa Fernandes, datado de 1920 in Etnografia Portuguesa (ver bibliografia).
tendo sido a fig. 3 extraído do "Correio Olhanense" de 22 de Fevereiro de 1923.

BIBLIOGRAFIA

Prandão, Raúl, - Os Pescadores, Biblioteca Ulisseia, SD.
Machado, SAVEDRA, - De Terra em Terra.

Vasconcelos, José Leite de, - Etnografia Portuguesa,
Vol, VI, Livro III, Lisboa, INCM, 1975.

(As figuras nºs 1 e 2 foram retiradas da "Etnografia Portuguesa").

.....FIM.....

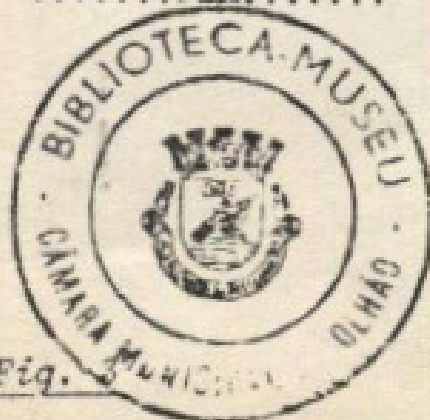


Fig.



Texto e organização
de:
J. António de J. Martins